As Teorias Sobre o Profissional Jornalista: três perspectivas[1]

Rafael do Nascimento GROHMANN[2]
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO
Este artigo pretende refletir criticamente sobre teorias que buscam compreender os jornalistas: a corrente funcionalista, a perspectiva sociológica e as pesquisas que enfatizam o binômio comunicação-trabalho. Deste modo, analisaremos os estudos de *gatekeepers* e *newsmaking*, as pesquisas sobre a identidade profissional e os modos de vida dos jornalistas, e as relações de comunicação no mundo do trabalho.
PALAVRAS-CHAVE: jornalista; teorias; trabalho.

Introdução

O jornalista possui, no senso comum uma imagem ligada a um desbravador, um aventureiro, que está sempre em busca do "furo de reportagem", àquilo que Jorge Ribeiro (2006) chamou de "tribo dos caçadores de notícias" (Ribeiro, 2006), a partir do imaginário sobre o profissional. As representações da identidade profissional nos meios de comunicação de massa, em alguma medida, trazem esta "visão romântica" da profissão, mostrando muitas vezes os "profissionais-exemplo", éticos e comprometidos com a sociedade, como nos mostra Adaci Silva (2009) a partir das representações de jornalistas em novelas da Rede Globo.

No entanto, muitas vezes, estas representações trazem contradições em relação à realidade vivida pelos jornalistas, e os estudos sobre o exercício profissional não são muito explorados. Este artigo pretende refletir criticamente sobre três abordagens que se propõem a estudar o "profissional jornalista": as vertentes funcionalistas ligadas aos estudos dos *gatekeepers* e do *newsmaking*, a perspectiva sociológica e os estudos a partir do binômio comunicação-trabalho.

O Primado do Funcionalismo e o Jornalismo como Prescrição

Os primeiros estudos da teoria do jornalismo, a que Wolf (2005) chama de "efeitos a longo prazo" na teoria da comunicação, são as pesquisa sobre os *gatekeepers* e as rotinas de produção analisadas a partir do *newsmaking* e dos valores-notícia. Por mais que alguns autores, como Wolf (2005) tratem estas teorias como ligadas à

[1] Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pesquisador do grupo "Comunicação e Trabalho". E-mail: rafael.gr@usp.br

"sociologia dos emissores", trata-se de uma perspectiva mais ligada à teoria funcionalista, em que termos como coesão, função e ritual estão presentes, desde Durkheim (1996), tanto na Sociologia quanto na Antropologia[3]. Os estudos sobre os *gatekeepers*, por exemplo, tratam a comunicação como "canal" e "zona-filtro", conceitos presentes nas teorias funcionalistas da comunicação (Matellart; Matellart, 1999)Portanto, consideramos como mais adequada a conceituação destas teorias a partir do "primado do funcionalismo", como explicaremos a seguir.

A partir dos estudos de Kurt Lewin (1947) com relação aos hábitos alimentares, David Manning White (1961) aplica os conceitos de zona-filtro e *gatekeepers* ao campo jornalístico, tentando definir as zonas-filtro pelas quais as informações são aprovadas ou rejeitadas. Os jornalistas, nesta visão, são os "guardiões da notícia", definindo o que é notícia e o que não é. Percebe-se, a partir de uma breve análise da linguagem deste conceito, que os jornalistas ainda são vistos como "guardiões", ligados ao jornalismo da época das Luzes, em que o profissional teria a função didática de ser o "guardião da sabedoria de um povo". Trata-se, a princípio, de uma teoria com foco máximo no indivíduo-jornalista, compreendendo limitadamente o trabalho jornalístico, tal como diz Traquina (2005a).

Com o avançar das pesquisas, os estudos sobre o *gatekeeper* começam a perceber que, mais do que baseados nos juízos individuais feitos pelos jornalistas, os critérios de noticiabilidade fazem parte de critérios profissionais e organizacionais tais como a eficiência e a velocidade, ou seja, "o contexto profissional-organizacional-burocrático circunstante exerce uma influência decisiva nas escolhas dos *gatekeepers*" (Wolf, 2005, p. 187). Deste modo, como no estudo de Breed (1955), a política editorial de um jornal é aprendida por "osmose", a partir do processo de socialização dos jornalistas dentro da redação.

A partir dos anos 1970, principalmente a partir dos trabalhos de Gaye Tuchman (1978) e Herbert Gans (1979), começam a ser desenvolvidas as pesquisas sobre *newsmaking*, que tentam mostrar quais as imagens de mundo passam os noticiários e como isso se relaciona com as exigências da rotina de produção nas organizações jornalísticas. Por mais que esta abordagem esteja relacionada ao modo de produção das notícias em uma redação, ela procura compreender as práticas sociais dos jornalistas

[3] Os estudos antropológicos nesta perspectiva ficam evidentes nos estudos etnográficos em redações jornalísticas, a fim de perceber rotinas e rituais da "cultura jornalística", tal qual fizemos em outra oportunidade (Grohmann, 2008).

com relação às notícias, entendendo a cultura profissional, a organização do trabalho e dos processos de produção por meio de um método etnográfico, que é próprio da Antropologia.

Nota-se que a metodologia de observação-participante presente nestes estudos traz o conceito de *going native* (tornar-se nativo), como se o pesquisador, ao assimilar os modos de pensar e de avaliar de uma determinada cultura, pudesse se tornar "um deles". Pois esta perspectiva remonta à tradição de estudos iniciada por Bronislaw Malinowski (1978), em "Os Argonautas do Pacífico Ocidental", que é o marco da antropologia funcionalista. Uma outra perspectiva, como a do interpretativismo de Clifford Geertz (1989), por exemplo, considera a impossibilidade de se "tornar um deles", pois, para ele, o que fazemos é a interpretação da interpretação que o nativo faz da cultura dele. Deste modo, o pesquisador ocupa uma posição e possui uma história no espaço social.

A cultura profissional do jornalista é entendida nas pesquisas de *newsmaking*, como um

> emaranhado inextricável de retóricas de fachada e astúcias táticas, de códigos, estereótipos, símbolos, padronizações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções da mídia e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que controlam a sua confecção (Garbarino, 1982, p. 10 apud Wolf, 2005, p. 195).

Ou seja, o conceito de cultura também traz um viés funcionalista, em que os papéis e os rituais desempenhados ajudam no processo e no controle social, no caso, das redações. Os critérios de noticiabilidade[4], neste sentido, são os processos que dão padronização e rotinização ao trabalho do jornalista, sendo assim, como uma consequência inevitável da organização de produção. A clareza e a busca da objetividade[5] trazem uma "imagem pedagogizante e tutorial da profissão (trata-se, portanto, de uma reafirmação da sua utilidade social)" (Wolf, 2005, p. 262). Neste sentido, há uma ideia similar com a figura do jornalista nos estudos dos *gatekeepers*, trazendo em si a impressão de que as necessidades do público são bem compreendidas pelos jornalistas devido à ampla experiência nesta cultura.

[4] Não analisaremos os pormenores dos critérios de noticiabilidade, já que o que nos interessa é o modo como esta perspectiva compreende as noções de cultura jornalística e rotinas de produção, por exemplo.
[5] Ou como diz Gaye Tuchman (1978), deve-se compreender a objetividade como ritual estratégico.

Outro ponto fundamental das rotinas de produção jornalística é a escassez de tempo e de meios. Por isso, como mostram as pesquisas sobre agências de notícias (cf: Robinson, 1981), o trabalho do jornalista se torna mais programado, distanciando-se de um jornalismo de pesquisa e de descoberta dos fatos, como um "caçador de notícias", tal qual descrito no início do texto.

Deste modo, e é o que as pesquisas em *newsmaking* enfatizam, há um quadro de expectativas estáveis, que dão coesão à cultura jornalística, e que podem ser expressas através de rituais em como o coletivo se sobrepõe ao individual, como pode se observar neste exemplo, de uma pesquisa realizada na redação de um telejornal, a partir do conceito de "ritual de coesão no trabalho": "há um alívio todos os dias após a exibição do programa. Trabalha-se o dia todo para este momento. O trabalho em equipe manchado por traços individualistas e a preparação assumem uma forma 'pura' durante a transmissão" (Grohmann, 2008, p. 10). São os rituais os responsáveis pela integração de uma cultura, como nos diz Radcliffe-Brown (1973).

A partir destas reflexões, pode-se afirmar que a cultura jornalística expressa suas prescrições através dos critérios de noticiabilidade e de sua rotina produtiva. Trata-se do plano do "como deve ser", "como ser um bom jornalista". Neste sentido, o jornalista não é compreendido como sujeito social, e sim como parte de uma cultura integrada e rotinizada.

Os Estudos Sociológicos da Profissão: Estados Unidos, Portugal e França

Alguns estudos, realizados principalmente na França, em Portugal e nos Estados Unidos, priorizam o conhecimento sociológico sobre a profissão de jornalista, ou seja, qual a sua condição social, as suas atitudes, tentando compreender a formação, a educação e a deontologia da profissão. Estas pesquisas se diferenciam da abordagem relacionada ao *newsmaking* por não priorizar questões como coesão ou rituais temporais, mas problemáticas ligadas à identidade profissional, muitas vezes a partir de uma epistemologia que prioriza o olhar sobre as questões ligadas ao conflito. Neste sentido, longe de ser uma oposição à terceira abordagem (do binômio comunicação-trabalho), estes estudos auxiliam a iluminar algumas questões propostas em nosso estudo. No entanto, esta abordagem não é homogênea.

A sociologia das profissões, a partir de Greenwood (1957), tenta compreender aspectos deontológicos, a ratificação de uma comunidade profissional e o sentimento de autoridade profissional. Trata-se de uma discussão sobre o jornalismo ser ou não ser

uma profissão. Como diz Traquina (2005, p. 107), "em todos os países, os jornalistas não foram exceção quanto aos objetivos essenciais do processo de profissionalização: 1) maior liberdade e autonomia e 2) um estatuto social identificado com as profissões dos médicos e advogados".

Dénis Ruellan (1997), no entanto, afirma que somente compreender se o jornalismo é ou não uma profissão e qual sua função não deve ser a tônica dos trabalhos sobre os jornalistas. Mais do que isso, deve-se levar em conta a visão de mundo do jornalista e a concepção de sua própria posição no espaço social. Neste sentido, são valorizados os estudos sobre a identidade jornalística, a qual Traquina nomeia como "tribo jornalística" e como "comunidade interpretativa transnacional", a partir do conceito de Benedict Anderson (2008) de "comunidades imaginadas".

O marco desta abordagem é a pesquisa de John Johnstone (1976), realizada em 1971 e publicada posteriormente, "The News People: a sociological portrait of american journalists and their work". Trata-se do primeiro grande *survey* que busca averiguar o perfil do jornalista americano, já que, até então, a consideração do jornalista pelas teorias do campo da comunicação era quase nula. Como diz Johnstone (1976, p. 1)[6],

> os estudos sociológicos dos meios de comunicação de massa usualmente focam um dos três problemas relatados: nos processos pelos quais as mensagens midiáticas são geradas; no próprio conteúdo da mensagem; ou na difusão da informação através de uma população, e o seu impacto sobre indivíduos, grupos ou da sociedade como um todo.

A população estudada é formada pelos jornalistas que trabalham em tempo integral com a profissão, definindo jornalista como a pessoa de qualquer mídia noticiosa que tem responsabilidade editorial para a preparação ou transmissão de notícias ou outros gêneros informacionais. Neste estudo, estimou-se que eram 69.500 os jornalistas americanos, sendo que a maioria estava concentrada na imprensa escrita, com os profissionais tendendo a ser jovens do sexo masculino e vindos de classe média ou classe média alta. "O campo não é caracterizado por recrutar substancial número de pessoas que ascenderam socialmente da classe trabalhadora" (Johnstone, 1976, p. 28)[7]. Para Johnstone (1976), não é à toa que as notícias, em larga medida, refletem mais

[6] Tradução livre do inglês: "sociological studies of the mass media usually focus on one of three related problems: on the process by which mediated messages are generated; on message content itself; or on the diffusion of information through a population, and its impact on individuals, groups, or the society as a whole".
[7] Tradução livre do inglês: "the field cannot be characterizes as one which recruits substancial numbers of persons Who are upwardly mobile from the working class".

perspectivas masculinas do que femininas, trazendo enquadramentos direcionados mais aos grupos estabilizados na sociedade do que às minorias.

Nesta época, constatou-se que os jornalistas migram mais de emprego do que a maioria dos trabalhadores americanos, com o campo sendo caracterizado com alta mobilidade de trabalho. Do mesmo modo, há ausência de pontos em comum nas rotas de entrada da profissão na década de 70, ou seja, os profissionais possuíam diferentes formações educacionais. Além disso, o jornalismo é visto pelos profissionais como orientado pelos seguintes valores: serviço público, autonomia e liberdade.

Os dados ainda revelam uma sequência cronológica nas funções jornalísticas em um mesmo lugar. Isto é, há uma linha de carreira onde os iniciantes começam trabalhando com as *hard news* até chegar ao status de escrever uma coluna, uma resenha ou um editorial, que seria o ápice dentro das funções chamadas "não-administrativas" por Johnstone (1976). Os jornalistas com funções administrativas são os que adquiriram poder e status dentro das organizações, porém, têm pouca visibilidade como jornalistas "de redação". Profissionais ligados a este tipo de função cimentam o plano da integração entre os jornalistas e a organização.

Este estudo de Johnstone (1976) foi seguido nas décadas seguintes por um grupo de professores, especialmente por David Weaver, que, de década em década, aplica um questionário por telefone a jornalistas (na última pesquisa, realizada em 2002, cerca de 1500 jornalistas participaram da pesquisa, tentando, a partir do referencial de Johnstone, atualizar o perfil do jornalista americano.

Nesta última pesquisa, realizada em 2002, Weaver (2007) está preocupado com as mudanças que a internet tem causado no trabalho dos jornalistas, já que, na pesquisa anterior, em 1992, a rede mundial de computadores ainda não havia se popularizado. Em perfil, Weaver (2007) considera os jornalistas "online" como parecidos com os outros jornalistas americanos em questão de gênero, idade e raça, mas são sensivelmente mais jovens. Eles são mais isolados das fontes noticiosas do que outros tipos de jornalistas, mas estão mais em contato com leitores, ouvintes e internautas. O que mais o surpreendeu nesta etapa da pesquisa foi o fato de esta parcela dos jornalistas não gostar que as pessoas expressem os mais variados pontos de vista acerca de uma notícia, o que soa contraditório, pelo próprio formato das mídias digitais.

De forma geral, o típico jornalista americano, na pesquisa de 2002, é homem, protestante, branco, casado, possui graduação, está na faixa dos 30 anos, e é mais inclinado a votar nos candidatos Democratas ou Independentes nas eleições norte-

americanas. A maioria dos jornalistas ainda está concentrada na mídia impressa e há um crescimento da população feminina nas redações desde 1970, embora o crescimento não tenha sido notado entre as décadas de 1990 e 2000. As mulheres são mais propensas a casar e menos propensas a ter filhos que morem com elas. No que concerne ao treinamento e à educação profissional, há uma maior homogeneidade na formação jornalística em relação à primeira pesquisa, muito em parte ao desenvolvimento das escolas de comunicação.

A escolha da profissão recai sobre os argumentos de ser uma "profissão nobre", ligada ao exercício democrático, o que reforça o imaginário do jornalista como um "guardião da democracia", ou como afirma Rieffel (2003), o profissional-tipo é visto como um pedagogo e um comentador da atualidade. Com relação à satisfação no trabalho, enquanto em 1971 havia 49% dos pesquisados que diziam estar muito satisfeitos com o trabalho, esta porcentagem caiu para 33,3% em 2002. Na última pesquisa, há 14,4% que estão insatisfeitos com algo e apenas 1,7% muito insatisfeitos. Algumas das razões apontadas pela baixa satisfação no trabalho são: o baixo salário, o fato de se poder ficar cada vez menos tempo em apenas uma reportagem, a diminuição dos jornalistas nas redações, além da diminuição da autonomia. Outro dado é que 77% dos jornalistas pretendem continuar na profissão durante os próximos cinco anos, enquanto apenas 17% planejam trabalhar em outro lugar.

Permanece, desde a pesquisa de 1971, o critério de não pesquisar *freelancers* ou jornalistas que não exerçam a profissão em tempo integral, o que parece um contra-senso com relação às mudanças na profissão nos últimos tempos. Como dizem Boltanski e Chiappelo (2009), estamos vivendo no momento da "cidade por projetos", onde ganham importância, entre outras coisas, as equipes pluridisciplinares e a subcontratação. Por mais que as pesquisas de Johnstone (1976) e Weaver (2007) sejam importantes no sentido de uma vigilância com relação ao perfil da profissão e os valores que estão em volta dela, há somente o plano da descrição em décadas diferentes. Ou seja, carece de teorias do campo da comunicação que ajudem a melhor iluminar os dados das pesquisas. Neste sentido, seguindo o modelo metodológico de pesquisa de Maria Immacolata Lopes (2001), faltam referências nos níveis epistemológicos e teóricos nestas pesquisas sobre os jornalistas americanos. Do mesmo modo, não há uma reflexão epistemológica mais profunda sobre os questionários aplicados aos jornalistas, por telefones, ou nos termos de Bourdieu (2005), não há uma "vigilância epistemológica".

Em Portugal, os estudos do sociólogo José Luís Garcia (2007) parecem seguir caminho semelhante ao dos pesquisadores americanos, inclusive, com a mesma falta de diálogo com o campo da comunicação, em geral. Garcia (2007) organizou estudos sobre os jornalistas portugueses, tentando compreender elementos da composição socioprofissional, os problemas-chave de ingresso na profissão e os valores sociais dos jornalistas, entre outras coisas. Uma das diferenças para a última pesquisa de Weaver (2007) está na constatação de que o jornalismo é uma profissão onde não só se entra cedo, como também se sai cedo. Deste modo, o constatado rejuvenescimento da profissão nos últimos anos é acompanhado pela baixa antiguidade no exercício do jornalismo.

Um ponto importante dos estudos portugueses são as dificuldades no mercado de trabalho e os problemas para ingresso no jornalismo. Como diz Sara Graça (2007, p. 97),

> os candidatos a jornalistas ingressam em estágios não remunerados, enfrentam períodos experimentais cada vez mais longos, em situações de grande precariedade laboral, volúveis a situações de desprendimentos, discrepâncias salariais, e ficam presos às aleatoriedades do mercado dos media.

Ou seja, a dimensão do trabalho dos jornalistas e de suas dificuldades começa a ganhar relevância nos estudos da profissão, tentando mostrar os "jornalistas reais". O ponto levantado por Graça (2007), por exemplo, preenche uma lacuna dos estudos de Weaver (2007), que, de certa forma, ignoram, a partir dos questionários, estas situações de "precariedade laboral" na profissão.

Na França, os maiores expoentes na área são Érik Neveu, Alain Accardo e Rémy Rieffel e as pesquisas neste âmbito se iniciaram na década de 1980. Seus estudos possuem mais densidade teórica, embora não tenham um perfil atualizado dos jornalistas no país, a exemplo dos estudiosos norte-americanos. Neveu (2006) e Accardo (2007) foram alunos de Pierre Bourdieu e possuem certa influência de suas teorias[8]. Accardo (2007), neste sentido, pesquisou alguns jornalistas franceses a partir de uma metodologia semelhante a que foi usada por Bourdieu em "A Miséria do Mundo" (2008), ou seja, a partir de entrevistas em profundidade e histórias de vida, tentar, a partir dos sujeitos individuais, compreender algumas variáveis macro-sociais e

[8] Para uma leitura de Pierre Bourdieu não-estereotipada (já que o autor é muito ligado às palavras "reprodução" e "estruturalismo") e que não se baseie somente no livro "Sobre a Televisão", muito explorado pelo campo da comunicação, cf: Grohmann, 2009

como se dão as variações de ações e interações dentro de um mesmo campo e de um mesmo *habitus*[9], no caso, o campo jornalístico.

Para ele, devemos entender o jornalista a partir do encontro de duas perspectivas: de um lado, compreendendo a história objetivada nos múltiplos campos sociais, materializada nas organizações, dispositivos e hierarquias, e, em outra parte, a história incorporada nos *habitus* como os dispositivos pessoais de agir e pensar que estão incorporados nos diferentes processos de socialização. Para Accardo (2007) os jornalistas são cheios de contradição e afirma que há um déficit de capital cultural entre os jornalistas, o que faz com que muitos deles tenham uma incapacidade de apreender o mundo complexamente, pensando somente em categorias simplistas e estereótipos.

Assim como em Bourdieu (2007), Accardo (2007) diz que os jornalistas estão brigando o tempo todo por distinção dentro do campo, a fim de conseguir legitimação para manter a ortodoxia ou tentar uma ruptura, uma heterodoxia dentro das "regras do campo". Esta luta por reconhecimento se concretiza a partir das posições que as pessoas ocupam no campo. No entanto, ele nos alerta para não deixar de levar em conta a origem social dos jornalistas em questão, pois o campo jornalístico está sempre em interação com os outros campos sociais, e, para ele, um jornalista advindo das camadas populares terá mais dificuldade para ascender na profissão. Esta distinção dentro do campo também pode ser constatada dentro de uma mesma redação, como Rieffel (2003) demonsra haver um desequilíbrio entre os jornalistas "de rua" e os de "cadeira", encorajando uma tendência sedentária dos jornalistas.

Sobre as condições de trabalho dos jornalistas, Accardo (2007) afirma haver uma proletarização não só no campo jornalístico como em todas as profissões ligadas à informação e à comunicação. "O jornalismo precário oferece uma ilustração de um fenômeno que caracteriza (...) a proletarização dos trabalhadores intelectuais mais do que os manuais: a existência de uma forma de auto-exploração" (Accardo, 2007, p. 273)[10]. O trabalho jornalístico, por natureza, solicita a reflexão e a imaginação de seus agentes, e o trabalho torna-se uma "coisa apaixonante", quase lúdica, que é o que legitima os chamados "sacrifícios" para contribuir todas as horas do dia para uma empresa.

[9] Para melhor compreender os conceitos de campo e habitus, cf: Bourdieu (2007) ou o comentador Girardi Jr. (2007)

[10] Tradução livre do francês: "Le journalisme précaire offre em l'occurrence une illustration remarquable d'um phénomène qui caractérise (...) la prolétarisation des traveilleurs intellectuels que celle des manuels: l'existence d'une forme d'auto exploitation".

Ou seja, constrói-se o trabalho do jornalista como desinteressado para que o produto de seu trabalho seja visto com menor valor. Com isso, há subcontratação, rotatividade extrema nas empresas e aumento dos *freelancers*, que formam um grande exército de reserva, como atestam Neveu (2006) e Rieffel (2003). Este exército representa mão-de-obra barata e as causas do seu aumento "devem-se à procura de rentabilidade e eficácia máximas por parte dos responsáveis dos *media* que começam a adotar uma gestão administrativa nas respectivas empresas" (Rieffel, 2003, p. 133).

Além disso, há um intenso sofrimento social por parte dos jornalistas, muitas vezes ligado à sua própria dignidade. A "miséria da posição" de jornalista (Accardo, 2007, p. 288) é que o capital simbólico, ligado ao prestígio, por estar próximo ao campo do poder, está quase sempre em desacordo com as condições materiais de existência dos jornalistas, ou capital econômico. Para Accardo (2007), ainda, algumas das consequências mais graves desta proletarização são o processo de desresponsabilização dos indivíduos, o que leva a jovens jornalistas relativizar valores da deontologia profissional.

Outro autor, Rémy Rieffel (2003) analisa que a identidade social do profissional dos meios de comunicação é vaga, ou seja, o jornalismo não poderia ser considerado uma profissão *scrictu-sensu*, no sentido sociológico do termo "profissão", pois "é-se engenheiro mesmo sem trabalho; é-se médico ou advogado, mesmo sem clientes. Mas só se é jornalista quando se escreve num jornal" (Rieffel, 2003, p. 127). O aspecto plural da profissão leva Neveu (2006) a falar "jornalismos", além de o profissional ter múltipos papéis. Ele é

> um coletor de informações e um produtor de texto. Ele é, depois o assalariado de uma empresa de comunicação e de sua hierarquia, o que chama a tenção para sua posição, para os recursos dos quais ele pode (ou não) fazer uso estratégico na empresa, se ele se preocupa com sua carreira ou em preservar sua autonomia diante das pressões da organização (...). Saindo da empresa de comunicação, todo jornalista é também, na relação com seus colegas, um sócio-rival (Neveu, 2006, p. 105)

Ou como diz Rieffel (2003), há um sentimento de dupla filiação: pertencer a uma empresa e ser membros de uma profissão, o que, por vezes, gera situações contraditórias.

Além disso, como bem interroga Rieffel (2003, p. 145),

> o que há de comum entre um secretário de redação de um semanário regional e um apresentador do telejornal das 20 horas? Entre um grande repórter de rádio e um especialista de informação agrícola? Em boa verdade, pouca coisa. Exercem, supostamente, a mesma profissão, mas a sua concepção de missão, a sua atividade diária, as suas condições de trabalho não são, de todo, comparáveis.

Por isso, como diz Neveu (2006, p. 16), só se pode se compreender realmente o trabalho dos jornalistas a partir da dimensão etnográfica. "Compreender o trabalho dos jornalistas é, antes de tudo, vê-lo sendo feito, dentro das salas e nas reuniões de redação, nas entrevistas, na caça às imagens, no jogo das negociações e informações de autoridades divulgadas na mídia". Próximo de avançar para outra perspectiva, salientamos uma abordagem nova na França, que se aproxima da que apresentaremos a seguir. Trata-se da sociologia compreensiva do trabalho jornalístico como estudou Lemieux (2000) com jornalistas do *Le Monde*. Os objetivos são observar as experiências vividas pelos indivíduos para decodificar as situações de trabalho e reconstituir as intenções de ação dos jornalistas e o conjunto de regras que eles seguem para agir de forma "correta" aos olhos de seus colegas de trabalho.

O Jornalista a Partir do Binômio "Comunicação-Trabalho"

A perspectiva sociológica, de certa forma, recuperou o "sujeito" dos estudos sobre os "emissores", para parafrasear Mauro Wilton de Sousa (1995), que disse que seria necessário recuperar a dimensão de sujeito dos estudos de recepção. Mas, de um lado, se os estudos americanos carecem de maior reflexão teórica e epistemológica, parece faltar a todas as pesquisas mencionadas acima um maior aporte do campo da comunicação, mesmo que algumas reflexões sirvam a este campo.

O campo da comunicação se forma por meio da inter, poli e transdisciplinaridade, cuja força está não em um paradigma, mas, justamente, no múltiplo, desde que incorporados ao devido campo. Os estudos em "comunicação e trabalho" se utilizam de conceitos advindos de outros campos como Sociologia do Trabalho, Análise do Discurso, Ergologia e Estudos Culturais, fazendo as noções dialogarem dentro do campo da comunicação. Esta abordagem auxilia a compreender as relações de comunicação e os desafios do mundo do trabalho, além de oferecer apoio teórico-metodológico para os Estudos de Recepção, como mostra Fígaro (2009a).

Nesta perspectiva, os conceitos de comunicação e trabalho devem ser entendidos como atividade humana. Comunicação, mais do que transmissão entre polos, é interação, troca, que são mediadas pela linguagem verbal.

A abordagem ergológica permite entender de maneira complexa o conceito de trabalho a partir da atividade humana:

> trabalhar, no sentido ergológico, é gerir um conjunto de fatores presentes em um determinado momento e espaço, em benefício de um objetivo a construir. Para Schwartz "trabalhar, é gerir". É administrar-se como sujeito em atividade, ou seja, fazer uso de si como *corpo físico* e como corpo si. (Figaro, 2009a, p. 36).

Estudar a comunicação no mundo do trabalho, portanto, é, entre outras coisas, perceber a relação do trabalho com outros espaços sociais, como o bairro e a mídia, por exemplo. Ainda, é possível entender os sentidos do trabalho, seus valores, ideais e problemas a partir das redes de sociabilidade engendradas no trabalho.

> Estudar o mundo do trabalho e a atividade de trabalho por meio da linguagem dos sujeitos (corpo-si) é se aproximar da realidade do trabalho, dos desafios e conflitos que permeiam o ambiente; é gerir as impertinências das condições de trabalho e de como tentar superá-las, re-significá-las. É na atividade que se dá a interação verbal (Bakhtin, 1992) que propicia a comunicação (Fígaro, 2007, p. 24).

Há um dialogismo inerente à atividade de comunicação, pois como diz Fígaro (2009a), trabalhar é sempre trabalhar com o outro, e se comunicação é troca e relação com o outro, pode-se afirmar que ambos os conceitos "atuam na construção dos conjuntos de valores que se renovam ou se cristalizam a cada escolha feita" (Fígaro, 2009a, p. 39). Neste sentido, o mundo do trabalho, entendido de forma ampliada, colabora para o ponto de vista a partir do qual o sujeito social se relaciona com o mundo em que vive. O trabalho se torna o local onde são definidas as identidades sociais, a partir da expressão "o que você faz?", sendo o lugar onde as pessoas, muitas vezes, passam a maior parte do tempo, e constroem suas subjetividades. Neste sentido, esta abordagem passa a ser incorporada no campo da comunicação, entendendo como o binônimo comunicação e trabalho pode ser compreendido nas relações interpessoais e nas organizações e como o mundo do trabalho é transformado com as novas tecnologias de comunicação.

Entre 2006 e 2008, foi realizada a pesquisa "Comunicação e Trabalho: as mudanças no mundo do trabalho das empresas de comunicação"[11], e pode-se observar uma disputa de sentidos na comunicação entre os profissionais sobre o que é a informação, por exemplo. Como diz Fígaro (2009b), em um questionário quantitativo aplicado às empresas de comunicação, foram poucos os que consideraram a informação como um direito comum e bem público. A resposta mais assinalada relaciona a informação a um negócio de muita lucratividade e um produto fundamental na sociedade contemporânea.

A partir desta perspectiva e de seus últimos estudos, como Fígaro (2008) e Nonato (2009), podemos entender o mundo do trabalho do jornalista como central para a construção das subjetividades e para a negociação de sentidos dos produtos culturais consumidos, ou seja, o mundo do trabalho pode ser visto como mediação fundamental da comunicação (Fígaro, 2001; Martín-Barbero, 1997). "Mesmo quando não está em horário de trabalho, o jornalista está investido do mandato que lhe é delegado pelo jornal e a este pelos leitores" (Ribeiro, 1994, p. 130).

Neste sentido, como afirma Heloani (2006), as transformações na produção do trabalho afetam a qualidade de vida dos jornalistas, causando estresse, com o predomínio de fracasso nas vidas afetiva e familiar. Ou como diz Ribeiro (1994, p. 94), "a acumulação de duas jornadas, a quebra do ciclo biológico (...), provocaram problemas de saúde e motivaram o pedido de dispensa de vários profissionais". Trata-se de uma vida, portanto, onde o trabalho é muito representativo para a constituição do sujeito."Numa festa, no bar, no cinema; há sempre uma pauta que pode sair desse ou daquele contato. A profissão ocupa tanto o tempo que a pessoa não pode exercer seus papéis de homens, mulher, pai, mãe, amigo" (Ribeiro, 1994, p. 41)

Além disso, a rotina jornalística pode tolher a reflexão sobre a produção dentro da redação, como afirmam Grisci e Rodrigues (2007). E, ainda, "a ausência de reflexão sobre a organização do trabalho não está restrita ao cotidiano de uma redação. Como todos os outros trabalhadores, jornalistas mantêm com o seu trabalho uma relação que vai além do cumprimento de uma atividade" (Grisci; Rodrigues, 2007, p. 53). Neste sentido, para Fígaro (2009b: 4),

[11] Pesquisa do grupo "Comunicação e Trabalho", sob coordenação da Profa. Dra. Roseli Fígaro, com apoio da FAPESP.

> o que está em jogo é o conceito que se tem de trabalho e de formação para o trabalho. Menospreza-se a importância da experiência no próprio cotidiano de trabalho e supervaloriza-se uma suposta formação técnica e prática orientada pelas rotinas.

A partir destas considerações, gostaríamos de enunciar perspectivas futuras de pesquisa: está em andamento no grupo de pesquisa "Comunicação e Trabalho", coordenado pela Profa. Roseli Fígaro a pesquisa "O Perfil do Jornalista e os Discursos sobre o Jornalismo: um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo". Do mesmo modo, estou desenvolvendo uma pesquisa que pretende fazer um estudo de recepção com jornalistas sobre as notícias produzidas por suas empresas, a fim de compreender como se comunicam e disputam os sentidos sobre o trabalho do jornalista, e como no mundo do trabalho as contradições engendradas pela organização capitalista são enunciadas. Neste sentido, podemos abrir outras perspectivas nos estudos sobre os jornalistas no Brasil.

Portanto, podemos concluir que, enquanto a abordagem funcionalista não leva em consideração o jornalista enquanto sujeito social, as perspectivas sociológicas, apesar dos avanços, não englobam uma epistemologia do campo da comunicação, e, então, as pesquisas a partir do binômio "comunicação-trabalho" estudam as relações de comunicação no mundo do trabalho, considerando a comunicação como interação e atividade humana e o papel fundamental da linguagem na construção e negociação de sentidos dos sujeitos.

Referências Bibliográficas

ACCARDO, Alain. **Journalistes Précaires, Journalistes au Quotidien.** Marseille: Agone, 2007.
ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Cia das Letras, 2008.
BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O Novo Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
BREED, Warren. Social Control in the News Room: a functional analysis. **Social Forces**. N. 33, p. 326-335, 1955.
BOURDIEU, Pierre. **Ofício de Sociólogo:** metodologia na pesquisa na sociologia. São Paulo: Vozes, 2005.
_____. **A Distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
_____. **A Miséria do Mundo.** Petrópolis: Vozes, 2008.
DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes,1996.
FIGARO, Roseli. **Comunicação e Trabalho:** estudo de recepção – o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.
_____. **Atividade de Comunicação e Trabalho.** Universidade de Provence, **2007.**
_____. **Relações de Comunicação no Mundo do Trabalho.** São Paulo: Annablume, 2008.
_____. Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales.** N. 4, 2009a, p. 23-49.
_____. Comunicação e Trabalho: dilemas e desafios do comunicador. In: XXXII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais do XXXII Intercom**. Curitiba: Universidade Positivo, 2009b.
GANS, Herbert. **Deciding what's news:** a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Pantheon Books, 1979.

GARBARINO, Andrea. La 'normalizzazione' dei giornalisti. Ipotesi sugli esiti del La socializzazione professionale negli apparati dell'informazione. **Sociologia dell'organizzazione.** N. 1, p. 7-53, 1982.
GARCIA, José Luís (org.). **Estudos sobre os jornalistas portugueses.** Lisboa: UCS, 2007.
GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
GIRARDI JR., Liráucio. **Pierre Bourdieu:** questões de sociologia e comunicação. São Paulo: Annablume, 2007.
GRAÇA, Sara. Os problemas-chave de ingresso no jornalismo. In: GARCIA, José Luís (org.). **Estudos sobre os jornalistas portugueses.** Lisboa: UCS, 2007.
GREENWOOD, Ernest. Atrributes of a Profession. **Social Work.** N. 2, 1957.
GRISCI, Carmem; RODRIGUES, Paulo. Trabalho Imaterial e Sofrimento Psíquico: o pós-fordismo no jornalismo industrial. **Psicologia & Sociedade.** 19 (2): 48-56, 2007.
GROHMANN, Rafael. Cultura Jornalística: tempo, ritual, hierarquia e newsmaking na TV Alterosa de Juiz de Fora. In: XXXI Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais do XXXI Intercom.** Natal: UFRN, 2008.
_____. Pierre Bourdieu e a Sociologia Crítica do Jornalismo. In: VI Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – Sopcom. **Anais do VI Sopcom.** Lisboa: Universidade Lusófona, 2009.
HELOANI, Roberto. O Trabalho do Jornalista: estresse e qualidade de vida. **Interações.** Vol. XII, n. 22. São Paulo, 2006.
JOHNSTONE, John. **The News People:** a sociological portrait of American journalists and their work. Illinois: University of Illinois Press, 1976.
LEMIEUX, Cryil. **Mauvaise presse:** une sociologie compréhensive du travail journalistique et de ses critiques. Paris: Métailié, 2000.
LEWIN, Kurt. Frontiers in Group Dynamics. II. Channels of Group Life: social planning and action. **Human Relations.** N. 2, vol. 1, p. 143-153, 1947.
LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2001.
MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.
MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
MATTELART, Armand; MATTELART, Michèlle. **História das Teorias da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.
NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo.** São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
NONATO, Cláudia. O Jornalista em Pauta: mudanças no mundo do trabalho, no processo de produção e no discurso. In: XXXII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais do XXXII Intercom**. Curitiba: Universidade Positivo, 2009.
RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.
RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta:** condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Brasiliense, 1994
_____. A tribo dos caçadores de notícias. **Ciberteologia:** revista de teologia & cultura. N. 6, Ano II. Julho/Agosto 2006.
RIEFFEL, Rémy. **Sociologia dos Media.** Porto: Ed. Porto, 2003.
ROBINSON, Gertrude Joch. **News Agencies and World News.** Fribourg: University Press, 1981
RUELLAN, Dénis. **Les 'pros' du journalisme:** de l'état au statut, la construction d'un espace profissionel. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1997.
SILVA, Adaci Rosa. Gestão da Comunicação: a imagem da empresa de comunicação representada na telenovela. In: XXXII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais do XXXII Intercom**. Curitiba: Universidade Positivo, 2009.
SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e Comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Vol. I:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Ed. Insular, 2005a
_____. **Teorias do Jornalismo – Vol. II:** a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Ed. Insular, 2005b
TUCHMAN, Gaye. **Making News:** a study in the construction of reality. New York: FreePress, 1978.
WEAVER, David et alli. **The American Journalist in the 21st Century:** U.S. News People at the dawn of a new millennium. New Jersei: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.
WHITE, David Manning. The 'Gatekeeper': a case study in the selection of news. **Journalism Quarterly**. N. 4, vol. 27, p. 383-390, 1950
WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.